

Um sujeito lírico “fora de si”? Entrelaçamento do “nós” no poema “Para a menina”, de Conceição Evaristo

A lyrical subject “out of him/herself”? The Interweaving of “us” in the poem “Para a menina”, by Conceição Evaristo

Tito Matias-Ferreira Júnior

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) | Natal | RN | BR
tito.matias@ifrn.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-8933-0927>

Gisana Karen Araújo

Costa Lira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | Natal | RN | BR
gisana.karen.costa.071@ufrn.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-9546-004X>

Resumo: Na poesia, o sujeito lírico acompanha transformações significativas que ocorrem no mundo, especialmente a partir do século XX, quando reflexões sobre a centralidade do sujeito e os pensamentos totalizantes sobre a constituição da identidade começam a ser contestados. No lugar de uma identidade fixa e centralizada, surgem novas formas de pensar o sujeito, como uma entidade fragmentada e em constante transformação. Esses desdobramentos das mudanças de paradigmas filosóficos e literários se refletem também na poesia contemporânea, onde a figura do sujeito lírico é repensada. Partindo desta reflexão e por meio de uma abordagem crítico-interpretativa, este trabalho tem como objetivo, analisar, à luz do conceito de Michel Collot (2004) de um sujeito lírico “fora de si”, o poema “Para a menina” (2017), de Conceição Evaristo, compreendendo sua constituição a partir de sua relação com a linguagem, com o outro e com o mundo. Observamos, dentro desta análise, a diluição do sujeito lírico em um “eu pluralizado” que não deixa de existir, mas convoca um “nós coletivo”, por meio de uma leitura que entrelaça diversos elementos de reconhecimento do sujeito no outro.

Palavras-chave: sujeito lírico; fora de si; nós coletivo; Conceição Evaristo; “Para a menina”.

Abstract: In poetry, the lyrical subject undergoes significant transformations throughout time, especially in the 20th century, when the critical thinking on the centrality of the subject and the totalizing thought about the constitution of identity began to be challenged. Instead



of a fixed and centralized identity, new ways of thinking about the subject emerge, positioned as a fragmented entity in constant transformation. These developments of the paradigm shift in philosophy and literature are also perceived in contemporary poetry, where the figure of the lyrical subject is rethought. Based on this discussion and through a critical-interpretative approach, this work aims to analyze the poem “Para a menina” (“To the Girl”), by Conceição Evaristo (2017), considering Michel Collot’s (2004) concept of a “subject lyrical ‘out of itself’”, as well as understanding its constitution based on its relationship with language, with the other, and with the world. Through this analysis, we observe the dilution of the lyrical subject into a “pluralized self” that does not cease to exist, but calls for a “collective ‘us’”, with a comprehension that intertwines various elements of recognizing the subject in the other.

Keywords: lyrical subject; out of itself; collective us; Conceição Evaristo, “Para a garota”.

1 Considerações iniciais

Diversas discussões ao longo do século XX contribuíram para o abalo de ideias pacíficas, fixas e constituídas a partir de padrões discursivos. Há, nesse momento, por exemplo, a suspensão da ideia de um sujeito coerente e essencializado (Hall, 2000). Essas mudanças de paradigmas também foram percebidas, de alguma forma, na arte. No texto “O sujeito lírico fora de si”, Michel Collot (2004, p. 166) aponta para o termo “fora de si” não como algo que remete à transcendência, mas a um constante ir em direção ao outro: “Fazendo a experiência de seu pertencimento ao outro – ao tempo, ao mundo ou à linguagem –, o sujeito lírico cessa de pertencer a si”. Há, portanto, uma instabilidade que é vista por Collot (2004), a partir de Mallarmé (2010) e a “crise de verso”, e que possibilita a discussão do sujeito “fora de si”, por exemplo, quanto aos aspectos formais. Ao refletir sobre o texto de Mallarmé, Siscar (2010, p. 112, grifo do original) mostra que: “[a] questão do verso não é um problema exclusivamente “formal”, mas é o campo a partir do qual a poesia pode pensar sua relação com a crise não apenas como contexto, mas como discurso (como projeto e como retórica) da época moderna”.

A modernidade, que traz consigo uma noção paradoxal de progresso, proporciona, em contrapartida, reflexões que extrapolam a pura interioridade do sujeito lírico e miram para sua “errância e desaparecimento” (Collot, 2004, p.165). Não é que o sujeito lírico deixe de existir, é que, agora, sua concepção integra sujeito e mundo. Há uma relação com o mundo concreto, com o real. A transcendência e o mundo material se confrontam e o “eu” é, o tempo todo, transpassado pelo “outro”. O “eu” desaparece, aparecendo a língua e o mundo. O autor destaca a redefinição do sujeito pelo pensamento contemporâneo, por sua alteridade, que

passa a avaliar fenômenos a contar de sua relação com “um fora”, em que desviando-se de si, se descobre: “Através dos objetos que convoca e constrói, o sujeito não expressa mais um *foro* íntimo e anterior: ele se inventa desde fora e do futuro, no movimento de uma emoção que o faz sair de si para se reencontrar e se reunir com os outros no horizonte do poema” (Collot, 2004, p. 168, grifo do original).

No texto “Quem precisa da identidade?”, Stuart Hall (2000) propõe reflexões, por meio de diálogos com concepções resgatadas de outros pensadores, acerca da autonomia do sujeito. O autor destaca, igualmente, que, após o iluminismo, no século XX, correntes surgiram mudando a perspectiva da centralidade do sujeito em diversos campos do conhecimento, como na linguística, na psicanálise, na filosofia, na própria releitura do marxismo etc. Passamos por um processo de desenvolvimento dessas ideias, de mudanças paradigmáticas do pensamento, que acabaram nos levando para o outro lado, um outro extremo.

A ideia de identidade, por exemplo, é problematizada por Hall (2000), que reconhece a complexidade que envolve esse conceito e, por isso, se torna também desafiador desenvolver ideias diferentes daquelas pré-existentes. Nossas noções de identidade refletem também nosso contexto, afinal, somos sujeitos históricos e, assim sendo, nos encontramos em contínuo processo. Ela também não se constitui somente como escolha, há questões determinantes envolvidas, um verdadeiro rizoma¹ em que há muitas conexões e não há uma unicidade. Levando em consideração aspectos tanto sociais quanto psíquicos, a partir de diálogos com Foucault, Derrida, Laclau, Butler, Gilroy, Althusser, Lacan, entre outros, o autor discute as diversas relações que envolvem a constituição do sujeito. Também em outro texto, “O nascimento e a morte do sujeito moderno: descentrando o sujeito”, Hall (2003) questiona o fato de pontuarmos a identidade como algo fixo, expõe a sua “crise” e sugere o termo “identificação” como mais adequado a compor a discussão: “Assim, ao invés de falarmos da identidade como algo concluído, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento” (p. 30).

Assim como diversas outras mudanças conceituais fizeram parte do processo de descentramento do sujeito em identidades não fixas, movimentos sociais surgiram, bem como a busca por políticas identitárias, como por exemplo, o feminismo que

[...] também expôs, enquanto questão política e social, o modo como somos formados e produzidos enquanto sujeitos envolvidos com gênero (*‘gendered subject’*). Isto quer dizer, politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mãe/pai, filho/filha) (Hall, 2000, p. 35).

Dentro do próprio movimento feminista, surgem outras discussões, como a busca pela legitimação do feminismo negro, marcado por outras experiências e lutas que também se manifestarão na poesia, encontrando nela mais um espaço de existência e resistência. Ao discutir sobre o teor que versa a resistência na literatura negro-brasileira e sobre alteridade, Souza (2020, p. 61) destaca:

[...] a mulher negra é empurrada para a base da pirâmide da alteridade, o que no Brasil se revela em diversas relações hierárquicas, desde a que organiza as desigualdades nas condições de trabalho e remuneração até as desigualdades no reconhecimento da autoria nos meios literários.

¹ Termo utilizado por Édouard Glissant no livro *Poética da relação* (2021).

Nesse caminho, Conceição Evaristo, autora negra brasileira, além de romancista e contista, publicou uma obra de poesia intitulada *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017).² A escritora encontra também na poesia uma expressão da luta pela representação da mulher negra, além de explorar temáticas que envolvem questões de ancestralidade, raça e violência. Ademais, há uma série de outras poetisas negras brasileiras que têm na poesia “fôlego vital de resistência negra-feminina” (Souza, 2020, p. 17),³ como Geni Guimarães, Miriam Alves, Jarid Arraes, Cristiane Sobral, Lívia Natália, Tatiana Nascimento, entre tantas outras, expondo um “nós”, que se constrói em um chamamento identitário, a partir da dissolução do “eu” em um “nós” coletivo. Quanto à representação identitária da mulher negra na literatura brasileira, Conceição Evaristo, enquanto crítica literária destaca:

Colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é, como atos de criação linguística, a literatura, espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, apresenta um discurso que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Percebe-se que na literatura brasileira, a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral (Evaristo, 2020, p. 220).

Observando as relações entre as mudanças nas concepções das ideias sobre sujeito e identidade no mundo, também perceptíveis na arte, tal como na poesia moderna e contemporânea, propomos, por meio da análise de um poema de Conceição Evaristo, o reconhecimento de um sujeito lírico que não desaparece completamente, mas que se convoca, a partir de sua relação com o outro e com o mundo. Na seção que se segue, analisaremos um poema da já referida coletânea de poemas de Evaristo, intitulado “Para a menina”, para explorarmos a noção do sujeito lírico “fora de si”, que não indica um desvincular-se de si próprio, mas, sim, estabelece uma relação com o outro, com o mundo.

2 Trançando coletividade e entrelaçando “nós”

A obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017) está dividida em seis partes, com focos em diferentes temáticas que abarcam gênero, identidade, ancestralidade, memória e violência. O poema em destaque para análise, intitulado “Para a menina”, pertence à segunda parte da obra, voltada para o tema mulher. Com dedicatória “Para todas as meninas e meninos de cabelos trançados ou sem tranças”, está escrito em versos livres e possui quatro estrofes. A

² A obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo, foi primeiramente publicada em 2008, sendo relançada em 2017, acrescida de outros poemas e com algumas alterações em alguns títulos. A edição que estamos utilizando neste estudo é a mais atual.

³ Heleine Fernandes de Souza é pesquisadora de Poesia Contemporânea Negra-brasileira do Laboratório Estudos Negros, do programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/UFRJ, professora doutora em Teoria Literária pela UFRJ e poeta.

cada uma delas, a metáfora das tranças vai sendo construída, transpassando caminhos de identidade e de memória. Em sequência, apresentamos o poema transcrito:

Para a menina

*Para todas as meninas e meninos de cabelos trançados
ou sem tranças.*

Desmancho as tranças da menina
e os meus dedos tremem
medos nos caminhos
repartidos de seus cabelos.

Lavo o corpo da menina
e as minhas mãos tropeçam
dores nas marcas-lembranças
de um chicote traiçoeiro.

Visto a menina
e aos meus olhos
a cor de sua veste
insiste e se confunde
com o sangue que escorre
do corpo-solo de um povo.

Sonho os dias da menina
e a vida surge grata
descruzando as tranças
e a veste surge farta
justa e definida
e o sangue se estanca
passeando tranquilo
na veia de novos caminhos,
esperança.

(Evaristo, 2017, p. 36).

A “menina”, a qual o poema evoca, não se constitui em uma figura individualizada, mas representa uma coletividade de meninas e meninos, como descrito na dedicatória, caracterizada pela resistência. Seus traços são metaforicamente visíveis e palpáveis ao sujeito lírico. Em sua pele, é possível ver e sentir cicatrizes deixadas pelo passado e que ainda demarcam e impactam sua história. Ela representa a infância e adolescência e convoca este nós coletivo marcado por aspectos históricos e sociais. A relação com o outro e com o mundo, que é imprescindível, no conceito de sujeito lírico “fora de si”, aqui se estabelece a partir do momento em que problematiza sua relação com o passado marcado pela escravidão (um outro/um fora) e que permanece, de alguma forma, impregnada nas relações do presente, como um fantasma que assola e interfere na construção do ser. Concomitante ao plano poético, o plano real apresenta a mulher/menina negra nesse lugar de exclusão:

Se a mulher branca e burguesa é o outro na sociedade patriarcal europeia, o lugar da mulher negra é, pelo menos, duplamente marcado, o lugar de uma dupla falta; por ser mulher e também por ser negra, é antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade, colocada no cruzamento de dois lugares de exclusão... isso sem considerar outros marcadores, como de classe, orientação sexual, idade, etc. (Souza, 2020, p.17).

Neste lugar de uma dupla falta, o sujeito lírico se dilui em um eu pluralizado e relacional em que questões de gênero, identidade e raça são levantadas. A partir dos verbos que iniciam as estrofes: “Desmancho”, “Lavo”, “Visto”, “Sonho”, percebemos, em sua conjugação, na primeira pessoa do singular, um sujeito lírico atuando diretamente, assumindo uma responsabilidade. Entretanto, na sua elaboração a partir da alteridade, ao relacioná-lo ao conceito de “fora de si”, percebemos que

Tal alteração do sujeito lírico está ligada ao exercício da linguagem e do corpo. É no ato de enunciação que “Eu é um outro”, reduzido a um pronome que o designa sem o significar, deportado da primeira pessoa do singular; e é pelo ‘desregramento de todos os sentidos’ que ele ‘chega ao desconhecido’. Perdendo, assim, entretanto, o controle de sua língua e seu corpo, ele se encontra (Collot, 2004, p. 169).

“A menina” recebe cuidados de alguém que preza por seu bem-estar e que pode representar os cuidados de uma mãe, por exemplo, uma cuidadora, uma avó, um familiar que já esteve nesta posição de menina/menino, mas agora se encontra em outro momento, de alguém que repassa cuidados, que “lava”, “veste” e “sonha” para ela, mas, ao mesmo tempo, muito marcado pelas lembranças. Estes verbos também sinalizam uma subjetividade das ações. A figura de cuidadora, estigmatizada da mulher negra para com a criança branca, é resignificada, pois parte agora do cuidado para com a sua descendência. Nesse sentido, “Para a poeta, prosadora e crítica literária Conceição Evaristo, a literatura negra-brasileira contesta os estereótipos produzidos pelo imaginário branco, empreendendo uma rasura e uma descontinuidade do *modus operandi* discursivo [...]” (Souza, 2020, p. 76). Por mais que esteja atuante, o sujeito lírico vacila no autorreconhecimento, enquanto cuida da “menina”:

Desmancho as tranças da menina
e os meus dedos tremem
medos nos caminhos
repartidos de seus cabelos.
(Evaristo, 2017, p. 36).

Ao analisarmos a primeira estrofe, destacada anteriormente, no ato de cuidado, do espaço íntimo, de desmanchar as tranças, percebemos o medo que está escondido nos pensamentos do sujeito lírico que cuida dos cabelos e que sabe dos caminhos difíceis pelos quais já passou ou pelas quais seus ancestrais já passaram. A trança, que aqui pode ser interpretada como sendo a trança nagô, assim como diversos outros penteados afro, símbolos de resistência, também lembra caminhos, de plantações, de rotas de fuga, de escravidão, por isso os “[...] dedos tremem / medos nos caminhos / repartidos de seus cabelos” (versos 2, 3 e 4).

A cada estrofe, uma ação é realizada, de modo que, na primeira, a ação é de “desmanchar”, ou seja, desfazer, alterar, modificar a estrutura de algo. Há um intento em desfazer-se para

compor-se novamente. O ato de “desmanchar” essas tranças: “caminhos de sofrimento”, pode revelar o desbravar dos caminhos, já realizado por seus ancestrais, permitindo que hoje seja um pouco diferente do que já foi um dia, o que não impede que o medo seja ainda real. Em *Memórias da Plantação* (2019), Grada Kilomba destaca o ato político por trás do cabelo afro:

Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou ‘black’ e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres *negras* em relação a ‘raça’, gênero e beleza. Em outras palavras, eles revelam como negociamos políticas de identidade e racismo [...] (Kilomba, 2019, p. 127).

De fato, a coletividade também é demarcada pela presença do penteado, pelo cuidado ao cabelo, característica física tão submetida à discriminação do outro, negada por muito tempo e tão associada a traços negativos, a partir de padrões advindos do pensamento eurocêntrico. Por mais que o sujeito lírico fale na primeira pessoa, representa um coletivo que se identifica com as questões envolvidas e as ações que estão em destaque. No plano real, quando questiona a ideia de identidade, Hall (2000, p.108) não está se referindo à identidade cultural, ao “eu coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros eus – mais superficiais ou mais artificialmente impostos – que um povo, com uma história e uma ancestralidade partilhadas, mantém em comum”. Na verdade, diz respeito à forma como são representadas e como afetam a forma de sua autorrepresentação.

Ademais, na discussão proposta por Hall (2000), na definição de identidade, há sempre relações de poder envolvidas, portanto, o exercício da interpelação “quem é você?” faz o indivíduo se sujeitar a percepções existentes de identidades, reforçadas por aparelhos ideológicos institucionalizados por meio de seus padrões discursivos. O iluminismo, por exemplo, é raiz e fonte de pensamentos decorrentes da ideia de que se um sujeito se esclarece, logo, evolui, o que acaba por gerar concepções de um sujeito universal esclarecido que, conseqüentemente será o branco ocidental e, tudo que não faça sentido ou corresponda a esse ser, lhe parece carente de evolução. Esse pensamento, como bem se sabe, promoveu diversas formas de subjugação e exploração de grupos e povos na história, que se perpetuaram a partir de discursos totalizantes.

Já na segunda estrofe, há uma continuidade no ato do cuidado para com “a menina”. Nesse momento, o corpo é colocado em evidência. Ele que demarca a cor e as cicatrizes: “[...] marcas-lembranças / de um chicote traiçoeiro” (versos 7 e 8).

Lavo o corpo da menina
e as minhas mãos tropeçam
dores nas marcas-lembranças
de um chicote traiçoeiro.
(Evaristo, 2017, p. 36).

A partir da imagem do “chicote” e das “marcas-lembranças”, observamos a relação do sujeito lírico com a escravidão e com as marcas que esta condição gera em sua descendência: “e as minhas mãos tropeçam / dores nas marcas-lembranças / de um chicote traiçoeiro” (versos 6, 7 e 8). Esse elo com a escravidão revela a ligação com um outro, que, nesse caso, é o branco colonizador, e, como isso interfere na maneira como se enxerga. As mãos tropeçam por estarem diante de um obstáculo imprevisto, bem como as lembranças fantasmáticas se misturam

às dores revisitadas na lembrança ao cuidar da pele, do corpo da menina que é “lavado”. Este “lavar” banha o que é superficial, mas deixa visível “marcas-lembranças” de dores que permanecem escondidas sob a cor da pele. Aqui, corpo, pele e dores passadas se entrecruzam e a percepção e interpretação da realidade estão atravessadas pela memória coletiva da escravidão. No encontro com “a menina”, o sujeito lírico está, a todo momento, sendo perpassado pela condição fragmentária que o assombra advinda dessa relação conflituosa com o outro.

Na terceira estrofe, que se inicia com o verbo “vestir”, a cor está em destaque, nesse caso, não somente a cor da pele, mas a cor vermelha que a reveste através de sua roupa. O vermelho que remeterá, também de maneira fantasmagórica, ao sangue derramado por seus ancestrais:

Visto a menina
e aos meus olhos
a cor de sua veste
insiste e se confunde
com o sangue que escorre
do corpo-solo de um povo.
(Evaristo, 2017, p. 36).

O corpo também se encontra em evidência no entrelaçar de um “corpo-solo”, que remete a uma terra e a um povo. Este corpo primeiro que foi revestido de sangue, derramado por tanto tempo, fruto de violência, de desumanização, e que ainda “escorre”, e se perpetua, de alguma forma, é perceptível ao olhar sensível do sujeito lírico, que não consegue desassociar as lembranças da imagem do corpo e das cores, à realidade. Essa relação com o outro e com o mundo, interfere diretamente também em sua linguagem e percepção:

Para dar palavra a esse outro em si que procede do desregramento de todos os sentidos, o poeta deve recarregar a linguagem de sensorialidade, “encontrar uma língua” “resumindo tudo, perfume, sons, cores”. Mobilizando toda uma física da palavra, ele conseguirá dar corpo ao pensamento (Collot, 2004, p. 169, grifo do original).

Nessa mobilização da palavra e numa descentralização, o “corpo-solo” se revela como um lugar comum, uma origem comum, além de um entrelugar em que terra e povo passam a se tornar algo novo. A cor destacada, que se compreende como a cor do sangue, evoca essa temática: a cor da pele e a cor vermelha, misturam-se a cor da violência, que penetra esse “corpo-solo”, escorre, atinge e continua atingindo a muitos. Em seus devaneios, o sujeito lírico parece compartilhar da ideia de Collot (2004) de que “[e]star *fora de si* é ter perdido o controle de seus movimentos interiores e, a partir daí, ser projetado em direção ao exterior” (p.166, grifo do original).

Na descrição das cenas que se desenham, na descrição do objeto e da “coisa” manipulada, a trança, a veste, a cor vermelha, e o desdobramento da linguagem na construção subjetiva de sua significação também se constitui como uma “saída de si” do sujeito lírico, para, através da linguagem, e de sua manipulação, encontrar-se: “Ele se constitui no ponto de encontro entre o interior e o exterior, entre o mundo e a linguagem” (Collot, 2004, p. 169).

Partindo agora para a última estrofe, para concluir o entrelaçamento que leva o sujeito lírico a diluir-se em um “nós comum”, temos a presença do verbo “sonhar”, que remeterá a esperança de um futuro diferente para “a menina”:

Sonho os dias da menina
e a vida surge grata
descruzando as tranças
e a veste surge farta
justa e definida
e o sangue se estanca
passeando tranquilo
na veia de novos caminhos,
esperança.
(Evaristo, 2017, p. 36).

O sonho permite ao sujeito lírico, nesse momento, vislumbrar algo novo, que se opõe as perseguidoras lembranças que assombram seu imaginário. No sonho, “a vida surge grata / descruzando as tranças” (versos 16 e 17). O descruzar das tranças remeterá a uma liberdade, ao abrir-se ao natural, aos cabelos “soltos”, onde não é preciso resistir, mas somente existir. Os adjetivos “farta”, “justa” e “definida”, utilizados para referir-se à veste “sonhada” para “a menina” simbolizarão também a força necessária, aquilo que a reveste e protege será suficiente para “estancar o sangue”, que se derrama perene desde a ancestralidade, possibilitando que possa circular, gerando vida e não simbolizando a morte: “e o sangue se estanca / passeando tranquilo / na veia de novos caminhos, / esperança” (versos de 20 a 23). O último verso do poema é composto somente de uma palavra: “esperança”, que se volta diretamente para o futuro, momento em que passado, presente e futuro se encontram no poema, entrelaçando-se, na expectativa de dias mais justos. Nesse movimento, o sujeito lírico se dilui e se expande nessa relação com o mundo, deixa de ser centralizado e passa a ser constituído a partir desse aspecto relacional. Segundo Collot, “Esses dois sentidos da expressão me parecem constitutivos da emoção lírica: o transporte e a deportação que porta o sujeito ao encontro do que transborda de si e para fora de si” (2004, p. 166). O transcendente e o material se misturam e convergem para uma busca de si que, nesse caso, só é possível por meio do sonho que projeta para o futuro, uma realidade diferente, mais justa para as mulheres negras vítimas de racismo.

Dentro do poema, percebemos diversas formas de entrelaçamentos, conduzidos pelo sujeito lírico que propõe, como num ato de trançar, a sobreposição de partes que se interconectam e geram um todo comum. As tríades “pele, corpo, cor” e “passado, presente, futuro” configuram-se em intersecções desenvolvidas por meio das imagens criadas e construídas nas estrofes. Mesmo ao “sair de si”, o sujeito lírico, no ato de “desfazer as tranças” também parece propor um destrinchar de caminhos para reflexão das complexidades que compõem o ser.

Partindo da perspectiva da alteridade, percebemos uma espécie de “espelhamento” em que o sujeito lírico se reconhece “nessa menina” e, por isso, teme por recordar-se de situações históricas violentas e por não querer que se repitam. Aqui, até mesmo uma concepção de mãe, de cuidado, de maternidade, convoca um “nós”: nós, mães/avós/tias/cuidadoras/cuidadores de meninas negras, precisamos cuidar de “nossas meninas”. Mas não somente à maternidade, como também convoca a uma irmandade, na qual mulheres cuidam de outras mulheres, em que experientes mulheres vislumbram para aquelas do presente e do futuro, mudanças e dias melhores.

No poema em destaque, o sujeito lírico, assim como aquele descrito como “fora de si”, se constrói na sua relação com o outro, com a linguagem, com o mundo, e, nesse caso, com um “nós coletivo”. Mesmo que os verbos estejam na primeira pessoa do singular, as ideias desenvol-

vidas não são singulares e não são particulares a um único sujeito. Na sua fragmentação, com percepção e interpretação da realidade comprometidas e vacilantes, o sujeito descrito representa, por meio da sensibilidade estética da autora, refrações da realidade da opressão racista sofrida pelos negros na sociedade. Convoca-se, dessa forma, em um projeto estético, a reflexão, a partir de um engajamento com a arte e com a vida em sociedade, em que até mesmo o leitor pode “sair de si” para se reencontrar no poema. Na descrição de um momento corriqueiro, de cuidados básicos para com uma criança, a profundidade se mostra na trivialidade. A complexidade que envolve os aspectos de gênero e de raça é exposta de tal maneira que ao sujeito lírico não é possível somente o existir sem que esteja entrelaçado a questões perturbadoras e inquietantes e ele só se encontra na realidade ideal materializada em sonho, na última estrofe.

Quanto ao aspecto relacional característico do pensamento e da lírica modernos e que leva em consideração a questão da alteridade, o sujeito lírico no poema “Para a menina”, sai de sua condição de sujeito no mundo para ir ao encontro de sua condição de sujeito diaspórico para encontrar-se e compreender-se com seus outros iguais, numa busca pela construção de sua identidade, que é transpassada pelo seu contexto histórico e, portanto, fragmentada. Na condição de escravização descrita no poema, estão implícitas as relações do sujeito lírico para com o branco colonizador, para com a mulher/menina branca, que não se enquadra nas mesmas camadas de repressão sofridas na sociedade, e para com seu outro semelhante. Ao sair de si, neste movimento de relações imbricadas com estes outros, com o mundo, sua busca de si se instaura, não de forma apaziguada, mas problematizada. Destaca-se não somente essa relação com o outro, mas também com o “nós”.

3 Considerações finais

Ao romper com a estrutura tradicional do poema, quanto à sua forma e conteúdo, o poeta, desde a modernidade, propõe uma descentralização de ideias fixas e inabaláveis que, consequentemente, afeta a sua composição; ressignificando a voz poética em várias instâncias. O sujeito lírico acompanha igualmente essa instabilidade e surge, nesse movimento, o destaque à expressão, à crítica ou poesia social, maneiras diferentes de ocupar o espaço no papel e na vida.

O processo de transformação que a forma e o conteúdo do poema sofreram acompanhou transformações que o mundo apresentava, o sujeito lírico/poético já não era mais o mesmo e parecia não se encaixar nos moldes de fazer poesia vigentes. Esse rompimento se estende até a contemporaneidade, uma vez que diversas experimentações vão surgindo, à medida que explora e vai além da estrutura fechada e fixa a que outrora se propunha.

Em nossos processos sociais, o “eu” é diluído ao “nós”, o sujeito complexo em processo integra essa pós-modernidade ou modernidade tardia e, quem se desvia dessas ideias totalizantes de identidade, se desvia também em seus discursos. Na poesia, o sujeito lírico passa a constituir-se na relação com a linguagem, com o outro e com o mundo, redescobrimo-se. Na poesia de mulheres negras contemporâneas, mais especificamente, percebemos este deslocamento que movimenta o sujeito numa diluição de si em um nós que convoca e agrega. Esse eu poético convoca a fazer-se ouvir, a reescrever seu modo de ser representado, que se perpetuou e interferiu, de modo cruel, na subjetividade para com o negro e para com seu próprio reconhecimento.

A poesia negra feminina, muitas vezes se constitui, como “[...] resistência, sobre uma fome coletiva de ganhar a voz, escrever e recuperar nossa história escondida” (Kilomba, 2019,

p. 27). É certo que muitas escritoras negras poetisas têm reivindicado seu espaço no cenário literário brasileiro contemporâneo. Conceição Evaristo, assim como muitas delas, representa, por meio da dimensão coletiva de sua poética, uma espécie de porta-voz de tantos silenciados. A primeira pessoa, esse eu enunciativo, elocutório, é sempre um eu pluralizado, como vimos na análise do poema, “Para a menina” (Evaristo, 2017, p. 36), que, por meio de uma imagem de cuidado para com essa “menina”, retoma e inspira um olhar para as gerações jovens atuais e do futuro, em que as lembranças de um passado obscuro e assombrado não sejam mais realidade no futuro. Através de imagens que contemplam a cor, a pele, o cabelo, ideias são trançadas nas estrofes e compõem formas de representação e de reconhecimento do sujeito no outro.

Aqui neste estudo, é importante ressaltar que a ideia de “fora de si”, inspirada em Collot (2004), se refere à perspectiva em que o sujeito lírico deixa de bastar-se a si mesmo, deixa de fechar-se em suas questões, se encontra fragmentado e é, o tempo todo, transpassado por sua relação com o que lhe é exterior. Neste ponto, o sujeito lírico se encontra “fora de si” à medida que deixa de preocupar-se com questões individualizadas e desconexas do mundo: “Desalojando o sujeito lírico dessa pura interioridade” (Collot, 2004, p.165), desse mundo subjetivo fechado.

No poema “Para a menina”, o sujeito lírico vai ao encontro do outro, quando questiona as formas de tratamento para com os negros, enraizadas historicamente na sociedade, a partir das reflexões propostas em seus versos, problematizando a diferença. A sua voz enunciativa provoca, a cada estrofe, as formas de subjugação do povo negro, sem mencionar nominalmente quem ou o que lhes impôs essa condição. Enquanto leitores, estabelecemos esta relação do eu com “um fora” que está intimamente presente. Sua relação com o mundo também é perceptível através da linguagem, que expressa, através das metáforas, suas angústias advindas de sua condição diaspórica, fragmentada, como também alvo de vários tipos de violência, que interferem na sua formação enquanto sujeito.

Se pensarmos na sequência das estrofes e sobre o que cada uma perpassa, nos deparamos com diversos tipos de marcas: pele, cabelo, corpo, da memória e da violência (contra a pele, cabelo e corpo), que interferem na identificação e construção da ideia de sujeito. A todo momento somos interpelados, por meio de uma subjetividade, quanto às condições cruéis que são descritas nas imagens do poema. Neste caso específico, reencontrar-se a partir do outro não se dá de forma apaziguada. O sujeito lírico se reconhece por problematizar as relações com o outro que o condicionaram a reconhecer-se como tal e repensar essa subjetividade do ser. O que está “fora” deste sujeito, que é confrontado, é aquilo que está fora de seu controle, esse passado que o persegue de várias formas, onde se situa a poética moderna.

Por fim, a partir desses aspectos, estabelecemos uma relação com o conceito de “fora de si”, em um lirismo que engloba e acompanha as mudanças do pensamento moderno. Integra-se, nesse caso, tanto a relação com um outro, exteriorizado, quanto com um eu semelhante, uma vez que, em “Para a menina”, poema de Conceição Evaristo, este eu elocutório não se define apenas por si, mas a partir dessa relação com o outro, também caracterizado na figura da “menina”, uma identidade que se funde com outras e que convoca, em um chamamento identitário, à reflexão do ser.

Referências

- COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. Tradução de Alberto Pucheu. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, Ano IX, n. 11, p. 165-177, 2004 Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/37857>. Acesso em: 30 mai. 2025.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nazilda Martins de; SCHNEIDER, Liane (Org.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 103-133, 2000.
- HALL, Stuart. O nascimento e a morte do sujeito moderno: descentrando o sujeito. In: HALL, Stuart; ARANTES, Antonio Augusto (Org.) *A questão da identidade cultural*. Tradução: Andréa Borghi Moreira Jacinto e Simone M. Frangella. 3. ed. Campinas: Textos Didáticos, n. 18. p. 26-36, 2003.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- MALLARMÉ, Stéphane. Crise de verso. In: *Divagações*. Tradução: Fernando Scheibe Florianópolis: Editora UFSC, p. 157-168, 2010.
- SOUZA, Heleine Fernandes de. *A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.
- SISCAR, Marcos. Poetas a beira de uma crise de versos. In: SISCAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade*, Campinas: Editora da Unicamp, p. 103-116, 2010.